

DO INTERIOR AO EXTERIOR: A RESPIRAÇÃO COMO UM TRANSBORDAMENTO DO CORPO NO ESPAÇO

GUILHERME TOLEDO FUENTES¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – guilhermetfuentes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata de uma investigação, em proceso, no campo das artes visuais, inserida junto ao projeto de pesquisa Estudo sobre a Profundidade. Ela se coloca a partir de uma discussão prático-reflexiva da produção de um trabalho que articula, com base em suas características plásticas e conceituais, a formação deste pensamento em torno da profundidade.

Para tanto discorro sobre o trabalho que realizei intitulado *O Beijo de Judas* (2018) (Figura 1). Contemplando uma possibilidade para pensar a relação entre o dentro e fora do corpo por intermédio de alguns termos como respiração, intimidade, sucção e extensão. A pesquisa também se propõe a pensar trabalhos de artistas que contribuam para o seu enriquecimento. Entre eles, situam-se o trabalho *Mouth to Mouth* (1995) dos artistas do Reino Unido Smith/Stewart, *Breathing In Breathing Out* (1977) da artista sérvia Marina Abramovic, além de *Hung Up* (1966), da artista alemã Eva Hesse.



Figura 1. *O beijo de Judas*, objeto e registro da proposição, 2018

2. METODOLOGIA

Concebido dentro da disciplina de Introdução à Escultura em 2018, *O Beijo de Judas* é um trabalho de caráter propositivo. Constituído por duas máscaras de inalação interligadas por uma mangueira transparente siliconada de aproximadamente 1,25m. As máscaras possuem seus furos laterais velados por uma fita microporosa, bloqueando a passagem do ar ambiente. Neste trabalho me interessa propor uma ação onde uma relação é estabelecida entre dois sujeitos a partir do uso do objeto. Este, por sua vez, é acionado por meio da respiração dos participantes, de modo a condicioná-la à um percurso entre um corpo e outro, estabelecendo uma situação de interdependência e correlação entre eles em que: “É da dialética entre indivíduo e a obra que nascem os significados, e é no corpo como aparato de percepção e significação que essas relações são reveladas.” (Milliet, 1992, p.92).

Para tanto, é considerando essa dialética apontada por Milliet que tomo a respiração na sua possibilidade enquanto um movimento que vai do interior ao exterior do corpo, na sua possibilidade de estabelecer um diálogo entre um corpo e outro. Ao assumir o objeto, a respiração se torna condicionada a um percurso onde o corpo se desdobra para além dele mesmo, tensionando esse limite individual. Em relação ao uso da respiração como matéria para criação artística, a teórica e curadora Christina Grammatikopoulou comenta ao tratar do trabalho de Abramovic, destacando uma importância. Vejamos:

Desde os tempos antigos, a respiração era algo mais do que apenas ar dentro e fora do corpo; era um veículo de vida, pensamento, inspiração. Dessa forma, em diferentes campos do pensamento e da ação humana: para a filosofia, uma respiração pode ser o pretexto para uma pesquisa nas profundezas da consciência; para a arte, a respiração pode se tornar material de destaque ou assunto para criação. (Grammatikopoulou, 2008)¹

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob o aspecto da intimidade a respiração é um elemento de ativação do objeto que conduz os sujeitos a uma situação mais aproximada. Pois percebo nele, apesar da distância que a mangueira estabelece entre um corpo e outro, a ação de respirar o mesmo ar de alguém como uma forma de incorporar um elemento que transita entre o interior de cada um, tornando os indivíduos corporalmente mais próximos.



Figura 2. Stephanie Smith e Edward Stewart, *Mouth to Mouth*, 1995, vídeo.

Percebo em *Mouth to Mouth* (1995) (Figura 2), para além do título deste trabalho, uma cumplicidade discutida pela ação dos artistas. Um movimento que estabelece uma intimidade entre o casal. Neste trabalho, Stewart se encontra submerso em uma banheira no contexto onde a cada uma de suas expirações, Smith vai ao encontro de seu rosto, expirando ar em sua boca, completando dessa forma seu ciclo respiratório. Vejo Smith como um corpo extenso ao de

¹ Tradução pessoal. "From ancient times, breath was something more than just air in and out of the body; it was a vehicle of life, thought, inspiration. As such, it bridges different fields of human thought and action: to philosophy a breath can be the pretext for a research into the depths of conscience; to art breath can become prime material or subject matter for creation." (Grammatikopoulou, 2008)

Stewart, que se inclina rompendo uma distância física, avançando em direção ao interior do seu corpo de modo a sustentá-lo através do ar.

Nesse sentido, percebo o trabalho do casal pela cumplicidade que se apresenta, tendo este termo a possibilidade de revisitar a intimidade discutida pelo meu trabalho. Pois, ao depositar ar no corpo do outro, tanto em *Mouth to Mouth* quanto em *O beijo de Judas*, ambos os corpos se tornam uma extensão do outro, gerando um corpo ampliado. É rompendo esse limite físico entre os corpos que também o termo sucção me interessa, já que ele também avança em direção ao interior, mas de maneira a drená-lo.

No meu trabalho, a proposição aciona a sucção tendo duas conseqüências fundamentais: a de extrair e a de depositar o ar presente no interior do outro participante. Visto que o objeto bloqueia a passagem do ar ambiente, os sujeitos geram uma espécie de permuta. Deste modo, considero o título deste trabalho uma ajuda nessa reflexão. Pois, se num primeiro momento ambos os corpos se estruturam mutuamente, contemplando uma lógica cooperativa, conforme a ação avança, percebo que também há uma extorção, onde um participante condena o corpo do outro em benefício próprio, revelando um jogo competitivo e destrutivo.

Orientado por essa percepção acerca do que pode ser sucção no meu trabalho, me deparo com a performance *Breathing In Breathing Out* (Figura 3) de Abramovic e Ulay. Nela, o casal está com suas narinas bloqueadas com filtros de cigarro. O movimento respiratório é mantido por meio de suas bocas pressionadas. Como parasitas, a ação acontece até seus corpos cederem por falta de oxigênio.



Figura 3. Marina Abramovic e Ulay, Registro da performance *Breathing In Breathing Out*, 1977.

Em *Breathing In Breathing Out* há uma proximidade entre o casal muito mais presente. Tanto pelo modo como posicionam seus corpos, quanto pelo uso do microfone que capta e amplia o som da respiração. Assim, há uma sensação agonizante que se apresenta por meio dessa sucção, onde o corpo assume seu prejuízo de maneira mais explícita. Percebo no meu trabalho a sucção sendo tomada pela sua quietude, como uma ação que possibilita extrair o interior desse corpo, de maneira em que ele se apresenta pela fisicalidade do objeto. Mediante sua transparência e sua extensão é que encaro o corpo se desdobrando na temporalidade do ato, esticando seu limite na medida em que o objeto ganha opacidade pela umidade do ar.



Figura 4. Eva Hesse, *Hung Up*, 1966

Em relação a esse interior que avança em direção ao exterior, destaco o trabalho *Hung up* (1966) (Figura 4) da artista alemã Eva Hesse. Nele, uma linha de aço irrompe do interior da moldura, fazendo com que a pintura ganhe corpo no espaço físico. Sobre a produção de Hesse, a crítica de arte Lizette Lagnado nos conta que: “Na realidade, toda a sua atitude foi esticar os limites entre o dentro e o fora, entre a subjetividade e o mundo físico.” (Lagnado, 1998).

Tomo este trabalho pela cumplicidade entre os dois sujeitos, moldura e haste, que os torna um corpo só, estendido que avança em direção ao espaço. A haste, pelo seu movimento que desfaz o predeterminado, é pensada aqui como um suspiro que avança do interior do suporte, fazendo o trabalho vibrar de forma ativa a partir de sua inserção diferenciada no espaço.

4. CONCLUSÕES

A partir da concepção de um objeto, proponho uma reflexão acerca de alguns termos que possibilitam a leitura do mesmo e do trabalho de outros artistas, construindo relações entre ambos. Procuo tensionar o limite entre o dentro e fora do corpo, de modo que a profundidade possa ser pensada nessa expectativa de uma interioridade a ser exteriorizada. Tomo a respiração como matéria de criação e metáfora de um certo movimento que dissipa esse limite individual do corpo. É dessa forma que percebo o objeto que construí enquanto um condicionador do corpo no espaço, em um percurso que o desdobra em direção ao outro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Grammatikopoulou, Christina. **Inhaling theory, exhaling art: From Antonin Artaud's word to Marina Abramovic's action**. Interartive, 25 out. 2008. Acessado em 04 abr. 2018. Disponível em: <https://interartive.org/2008/10/artaud>

LAGNADO, Lizette. **Eva Hesse Alemã busca o fim da rigidez**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 2 out. 1998. Acessado em 2 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj02109831.htm>

Milliet, M. A. **Lygia Clark: Obra-Trajeto**. São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo, 1992.